

Marte-Geografia humanizada: que lugar quadrado: (re)descobrimo nas entranhas do livro a perene alegria de aprender o labor-sabor de docenciar

Nestor André Kaercher

Como começar um prefácio? A forma mais linear é elencar texto a texto, autor a autor. Uma ou duas frases acerca de cada texto e está feito o prefácio. Mas qual a diferença entre prefácio e apresentação? Deve haver uma diferença, mas aí eu me meteria de entendido numa seara onde navego sem conhecimento. Tomá-los-ei como sinônimos, e o entendido nestas questões, se tiver paciência, esclarecer-me-á pessoalmente ou pelo correio eletrônico.

Outra possibilidade é sintetizar os temas, os eixos em comum e buscar relações entre os textos e autores. E aí, novamente, a listagem dos mesmos, seus títulos e alguma ideia que os sintetize. Tentaremos fazer isso? Não, acho que não. Quadrado demais. Ainda não tenho o sumário com a ordem exata dos textos. No fundo, isso importa pouco, pois sempre faremos uma abordagem que é um tanto aleatória, por mais que, para quem escreve, haja, em sua cabeça, uma ordem clara e lógica. Ilusão. Mas vivemos envoltos com a ilusão, ainda que vários de nós tenhamos a pretensão de ‘vermos e dissecarmos a realidade’, descrevermos ‘o mundo como ele é’, ou seja, para nós mesmos, sempre vemos a vida ‘como ela é’, pois esta é a ilusão do ‘cientista’: ver os fatos e dados sem os véus das ideologias. Ideologia que sempre imputamos aos outros, pois nós somos ‘objetivos’ em nossas ideologias. Cremos que não temos ideologias.

Ciência que a Geografia pretende ser e realidade e criticidade que pretendemos ter. São crenças (ou ilusões) necessárias que nos motivam a continuar a trabalhar, lecionar, escrever etc. Pobre daquele que não tem ilusões ou crenças de que suas escritas, ou seu ofício, façam diferença para os que o leem ou ouvem. Com isso, antes de prefaciá-la obra – convite que muito me orgulha – remeto à boa discussão acerca das diferenças e entrelaçamentos entre ficção, normalmente imputada como sendo ‘literatura’ em suas distintas formas – romance, poesia, conto –, e ciência, no nosso caso, a Geografia, com suas múltiplas subdivisões e tendências epistemológicas.

Luc Ferry, um guru para mim, trata da distinção entre a história das ciências, das artes e da filosofia. A primeira tem período de validade bem menor. A ciência perece mais rapidamente. É biodegradável, nas palavras de Morin. E isso, longe de ser uma fraqueza, é uma fortaleza, pois é na diatribe das ideias que a ciência avança. Um conhecimento ‘técnico’, uma tecnologia, uma vez superado, é ‘esquecido’, pois ‘inútil’. Vira curiosidade ‘histórica’ para um pequeno número de estudiosos. Já com a história das artes ou da filosofia o mesmo não se dá. Correntes do passado permanecem, não são ‘superadas’. Continuam a conviver conosco e são continuamente reinterpretadas, relidas, atualizadas. Um livro, um quadro são reinterpretados por décadas, séculos. Já nossos textos ‘científicos’ fenecem em tão pouco tempo.

Se podemos dizer que o conhecimento da Medicina – o exemplo é aleatório – de cem, duzentos anos atrás já foi bastante alterado e superado, o mesmo não se dá tão facilmente com os textos de – novo exemplo aleatório – Platão, Descartes, Cervantes ou das correntes literárias ou artísticas do passado. Sua maior durabilidade se dá justamente porque não têm o compromisso em ‘ser ciência’, chegar a leis ou provas irrefutáveis. Embora, óbvio, busquem expor visões de mundo coerentes e ‘verdadeiras’, perduram porque são/estão menos apegadas a provar sua ‘superioridade’ em relação às demais linhas e correntes que com elas convivem. As artes convivem melhor com a bagunça da multiplicidade. Já a nós, cientistas, não basta propagar-

mos nossas ideias. Há que se ‘provar’ que as de outras correntes estão, quem sabe, ‘erradas’ ou, se somos condescendentes, ‘não veem bem a realidade’. Fazendo uma metáfora – que bela palavra que os gregos nos legaram –, a ciência está mais para o monoteísmo, ao passo que as artes estão para o politeísmo, mais bagunçado. Viva a bagunça, então.

Inevitável que eu incorra em simplificações, mas tento diminuir os mal-entendidos citando Ferry (2012, p. 124-5):

Os filósofos, como os artistas, abrem perspectivas para a vida, modos para os seres humanos abordarem a questão da salvação, a questão do que nos salva dos medos e pode nos tornar mais serenos – o que os gregos chamavam de *sophia*, a sabedoria. E uma vez abertos esses possíveis, eles ficam para sempre disponíveis para a humanidade: nada nos proíbe hoje de adotar inúmeros aspectos da sabedoria grega em lugar da religião cristã ou do humanismo moderno.

Isso significaria que a filosofia não tem como objetivo a verdade, que ela se reduziria a uma variante da estética? Não, evidentemente que não. Seria um erro considerar a história da filosofia absolutamente idêntica à das artes. Trata-se aqui apenas de uma analogia para melhor explicar o que a distingue da história das ciências. Naturalmente, a filosofia visa uma verdade, mesmo que esta não se defina como nas ciências positivas (matemática, física, biologia). Contrariamente à ideia ingênua segundo a qual a pluralidade das filosofias é argumento contra sua pretensão à verdade, é preciso afirmar que todas as grandes filosofias, por mais diferentes ou divergentes que sejam, são profundamente verdadeiras no sentido em que sempre representam, mesmo que parcialmente e mesmo as mais antigas, atitudes possíveis diante da vida, diante da finitude humana. [...] As grandes visões filosóficas do mundo, à semelhança das grandes obras de artes, são como castelos, como

palácios suntuosos, todos magníficos, mas cujos estilos são diferentes, simplesmente porque as estratégias de lutas contra os medos ligados à finitude humana são múltiplas e divergentes. [...] é uma questão de escolha. Em filosofia não se está no campo da experimentação factual, mas no do sentido e da relação com a vida, que suporta uma pluralidade de respostas sem que, por isso, se evite chegar a conclusões céticas, como se essa pluralidade demonstrasse que tudo é falso.

Resumindo muito: proponho um olhar mais flexível acerca dos limites entre razão e emoção. Que a ciência Geografia, justamente por ser mais degradável em suas linhas teóricas, abra-se permanentemente à ‘bagunça’ dos contrabandos fornecidos pelas artes e pela ‘pouco exata’ filosofia, pois não há como docenciar sem existenciar-se.

12 Há pouco me perdi pelo Google numa busca de um texto de Borges que fala de prefácios. Caminho ‘dangerosíssimo’, pois esta formidável ferramenta de busca mostrou-me um número bem grande de prefácios que este autor fez. E, claro, um mundo de páginas sobre ele. Não demorou já estava enredado num site sobre Fernando Pessoa, e, quando a janela da minha loucura se abria para novas buscas, abortei o voo. Foco, André, por favor. Sinto que tergiverso.

Falemos de Geografia, de PNLD e, o principal, dessa obra que você, leitor, tem em mãos. Em primeiro lugar temos que destacar algo que talvez já seja passado: o edital público para a escolha da instituição que coordena o processo de avaliação do PNLD. Nesta república onde direitos e conquistas sociais são tão rapidamente desconstruídos, *ops*, ‘modernizados’, *ops*, reescritos como avanços em prol da população, é possível que as próximas edições do PNLD sejam feitas nos moldes antigos, ou seja, por indicação das autoridades.

Este livro é fruto de um Edital Público, isto é, o processo que culminou na análise dos Livros Didáticos de Geografia não foi, como praticado muitas vezes, fruto de indicações *a priori* feitas pelo governo federal. Não, à chamada pública concorrem distintas pro-

postas de várias universidades brasileiras. Independente do mérito da universidade selecionada, o mais relevante é a abertura de oportunidade à comunidade acadêmica em geral, sem uma indicação de caráter político. Oxalá os próximos PNLDs mantenham este caráter público, pois há maior riqueza e qualidade quando diferentes propostas de distintas universidades são contempladas e vão, num revezamento, complexificando e aperfeiçoando o processo de análise das obras didáticas.

Outra característica deste PNLD que dá origem a esta obra é a pluralidade dos avaliadores. De distintas regiões contribuem para que o livro tenha uma pluralidade maior de miradas. Sabemos que os livros tendem a ser muito padronizados, pois não só as temáticas, como é compreensível, são muito similares, mas o olhar dos autores, no geral oriundos da região Sudeste, o que pode levar a visões repetitivas ou simplificadoras das demais realidades brasileiras. Com avaliadores vindos de outras partes do país podemos afinar a análise, ampliar os pontos de vista.

A tentativa de evitar temas polêmicos também pode tornar os livros standardizados, homogeneizados, mas sejam quais forem os limites ou avanços dos livros, como os textos mostrarão, o papel de melhor usar este recurso caberá ao professor. E este, na interação dialogada e curiosa com seus alunos, conseguirá tirar melhores usos do livro.

Nesse sentido cabe ressaltar que, sejam quais forem as características dos livros, o central é a tentativa de dar protagonismo ao aluno, pois é ele, mediado pela ação do professor, que vai se valer daqueles com maior ou menor autoria, criatividade e reflexividade.

A seguir elenco algumas ideias, retiradas de distintos textos deste volume, que me chamaram a atenção. A seleção não é ‘técnica’ nem ‘a melhor’, é a minha seleção. Você leitor fará a sua. Por onde começar a leitura de um livro com tantos artigos? Haverá uma resposta ‘certa’ para este tipo de pergunta? Provável que não. Sem resposta na ‘ciência’, valho-me de Borges (p. 19, 2008):

Argumentum ornithologicum

Fecho os olhos e vejo um bando de pássaros. A visão dura um segundo, talvez menos; não sei quantos pássaros vi.

Era definido ou indefinido seu número: o problema envolve o da existência de Deus. Se Deus existe, o número é definido, porque Deus sabe quantos pássaros vi. Se Deus não existe, o número é indefinido, porque ninguém conseguiu fazer a conta. Neste caso, vi menos de dez pássaros (digamos) e mais de um, mas não vi nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três ou dois pássaros. Vi um número entre dez e um, que não é nove, oito, sete, seis, cinco et cetera. Esse número inteiro é inconcebível; *ergo*, Deus existe.

14

O bom de um autor seminal como esse monstro argentino é que ele sempre nos abre para interpretações diversas. Não raro, o mesmo texto leva-nos a conclusões distintas a que já tínhamos tido numa leitura anterior, ou seja, a obra dele é inacabada justamente porque nos permite outras leituras. Se o mérito da ciência é buscar respostas, a maravilha das artes/literatura é nos oferecer o pântano da dúvida. Daí minha proposta: resumir os textos desta obra em duas ou três linhas poderá fechar interpretações em vez de ampliá-las. Nesse sentido talvez não almeje ‘considerações finais’ ou ‘conclusões’, e/mas sim o oposto: que novas questões cada texto traz? Como eles levam, leitor, a imaginar novas possibilidades de leitura, seja do Livro Didático, seja do labor-sabor de docenciar? Óbvio que cada texto traz informações e traz chaves de leitura. Chaves no sentido de abrirem certas portas, não qualquer uma. Não advogo a ideia do ‘tudo é possível’, ‘todas as interpretações são igualmente válidas’. Menos ainda a preguiçosa ideia do ‘tudo é Geografia’. Bobagem. Consolo para a preguiça mental à semelhança da tautológica ideia que a ‘Geografia estuda o espaço... geográfico’.

O bom texto seria aquele – em minha visão 107,98% científica – que, trazendo sínteses e formulações do autor, leva-nos a novos

caminhos, novas deambulações, outras imaginações, outras perguntas. Indiferente qual a sua visão de Geografia (se Deus existe ou não), o importante é estar aberto a visões que não as suas, pois é na diversidade (quantos pássaros você viu?) que a ciência e o espaço da sala de aula fecundam mentes e corações.

Mas tergiverso, sinto que tergiverso. Do que queríamos falar? Ah, sim, das ideias que os autores trazem na bagagem dos seus textos.

“Não cabe começar a aula com o Livro Didático” (Couto). Nem tampouco com os conceitos que a Geografia quer ensinar aos alunos. Não é a realidade, mas os alunos que devem estar a serviço da promoção da Geografia (entender um conceito, um conteúdo geográfico). A Geografia, a escola, os livros é que devem ajudar a entendermos de forma mais clara e complexa o mundo vivido, isto é, estarem a serviço dos alunos. Se interpretar o ‘real’ – sem querer agora discutir o que seja essa quimera – é nosso objetivo, temos que partir do mundo cotidiano. O livro precisa dialogar com esse cotidiano, mas sem tentar moldar a vida forçosamente a ele. Buscar o equilíbrio entre o livro que ajuda o professor a olhar além das paredes da sala de aula, sem que o mesmo guie a ação do professor, semana a semana, página a página. Assim, mais que aprender ‘conteúdos’, a escola, as aulas de Geografia precisam ampliar a capacidade dos alunos de enxergarem, sentirem e refletirem sobre os fenômenos que nos cercam.

Valho-me da mestra Callai (2016, p. 297) para trazer o foco para o professor e os alunos, já que o livro é objeto, não sujeito do processo:

A contribuição do livro didático para a formação docente e na produção dos saberes do professor que vai ensinar geografia se constitui de fato uma fonte possível para realização do trabalho, mas apresenta a limitação que já identificamos. Faz-se a reprodução e uma transmissão linear daquilo que ali está proposto. O problema não é do livro e talvez nem seja do professor, mas é resultado de uma histórica condução que baliza o ensino da geografia. Ficamos nas informações, sem sustentar

teoricamente as premissas da geografia, no que alude a ser o seu objeto. É recorrente a dificuldade de estabelecer na atividade escolar o que sejam os conceitos que sustentam a investigação e o entendimento do objeto. E assim vamos ensinando fragmentos do mundo e dos temas que são estabelecidos pelos currículos e que os livros nos apresentam.

Temos várias diatribes possíveis aqui. Superar a Geografia como ‘lição de coisas’, isto é, um sem fim de dados e cacos de informações. O problema não é do livro. No geral trazem um enorme número de possibilidades de leitura. A centralidade criativa – ou mais burocrática – é do professor. É ele que tem mais condições de costurar os cacos de informações e tecê-los juntos para uma leitura mais coesa do mundo. Tarefa hercúlea. Tarefa magistral: aprender a aprender para melhor poder ensinar. O livro como ponto de partida, não ponto de chegada.

16 “Proporcionar ao aluno entender o espaço ausente”. É uma grande sacada de Costella. Normalmente associamos a Geografia ao visível, a fisicidade das coisas, mas para entender o aparente precisamos ver os processos, os fluxos, os movimentos que, muitas vezes, dão lugar às formas, aos fixos. Aqui, novamente, o livro pode ser auxiliar ou ser obstáculo. Depende de como nós professores vamos nos valer desse recurso, dos textos, gráficos e imagens. Ponto de partida ou de chegada? Não esquecer, no entanto, que o livro deve estar a serviço do empoderamento do aluno.

Aliás, vários textos vão ao encontro da máxima: a efetivação do processo de ensino-aprendizagem eficaz depende essencialmente do trabalho do professor. Isso pode ser lido como ‘jogar, mais uma vez, a responsabilidade de tudo no professor, que está, via de regra, abandonado’. Sabemos do sem-número de obstáculos que o professor enfrenta para um trabalho de qualidade. Não vamos nos alongar aqui. Sem querer parecer quixotesco, quero ressaltar que, no meio de tantos obstáculos, o trabalho do professor, mesmo em condições

de precariedade material, ainda é relativamente livre para se propor enfoques e atividades que vão na direção de um ensino que promova a autonomia e autoria. Dos alunos e, claro, dele também, professor.

Gostaria que o leitor atentasse para um conjunto facilmente encontrável nos textos de ‘pensamentos desejosos/desejantes’ (*wishfull thinking*), isto é, expressões que seguidamente idealizam as ‘obrigações’ do professor. Expressões como o ‘professor deve’ são corriqueiramente escritas. Mais encargos ao professor. Some-se a isso uma série de generalidades, tão comuns à educação que, sendo consensuais, pouco fazem avançar as diferentes propostas pedagógicas ou visões políticas dos professores. Como fugir do ‘bom-mocismo’ tão comum em nossos discursos? Como escrever um texto em que se assume uma escrita mais autoral, que não fique presa no conforto de um sem-número de citações de referências inegáveis da Geografia? Como avançar com relação a textos em que o autor fica numa zona de conforto caracterizada pela extensa citação de bibliografias que são quase santidades inquestionáveis? Não, não estou propondo o desrespeito a mestres consagrados, mas como conciliar reverência aos que nos antecederam e colocarmos em nossa escrita algo pessoal, menos seguro e consensual, mais arriscado? Arriscado não equivale a dizer qualquer coisa pelo simples prazer de uma rápida polêmica, um pastel de vento (Kaercher, 2014). Arriscado no sentido de que você leitor-professor, estando envolvido com a Educação Básica, tem uma expertise muito peculiar, a da vivência com sua comunidade e seus alunos. Expertise que vai demandar um uso quase artesanal do livro. Expertise que muitos acadêmicos não possuem. O professor como um artesão, um profissional reflexivo.

Gonçalves e Melatti vão nos apresentar um roteiro claro de pontos a serem observados nos Livros Didáticos. Pontos que podem nos ajudar na direção de uma ‘educação cidadã’, aliás, outra expressão muito usada e que merece ser mais e mais especificada. Cidadania, como tantos outros, é um conceito polissêmico. O bom cidadão aos olhos do Estado é aquele que paga corretamente seus impostos. É o sujeito que protesta contra a falta de transporte público de qualida-

de é bom ou mau cidadão? Mundo, mundo, vasto mundo de interpretações! Se meu nome fosse Raimundo, seria uma rima, não uma solução.

Com relação aos exercícios propostos, elas vão nos perguntar se estes requerem, basicamente, respostas encontráveis nos livros-texto ou se exigem interação e diálogo com os colegas e, importante, grupos externos à escola. Por exemplo, quando os exercícios e nós professores propomos investigação, entrevistas, observações e coleta de dados que ultrapassam os contornos da sala de aula? Quanta possibilidade de saber e sabedoria há quando pomos as crianças a perguntarem às gerações mais vividas acerca de suas visões de mundo? Uma Geografia do Custo Zero já propunha um tal de Kaercher (Rego, 2011), não para aceitar a pobreza das escolas, mas para destacar a potencialidade dos professores.

18

Silva e Gabrelon nos trazem outra pergunta capital: o que o professor pretende alcançar com os alunos e de que maneira os livros podem potencializar o processo de ensino? Há aqui um contrabando *muy* desagradável nesta questão, o que aliás o mesmo Jorge já nos trouxe em outros textos, ou seja, o que afinal estou ensinando, além de Geografia, quando... ensino Geografia? Sim, incômoda questão, pois, se respondo que dando aula de Geografia ensino Geografia, voltamos às armadilhas tautológicas de nossa ciência. Esta mesma dupla vai nos dizer que o livro é um importante e útil recurso, mas não pode ser o único recurso. Menos ainda passar a ideia de verdade única. É uma frase aparentemente consensual, mas quantos anos de escola cada um de vocês leitores tiveram que ter para que algum professor dissesse que nem tudo que está no livro – ou ‘deu’ na televisão – é verdade ‘verdadeira’? Estão eles nos propondo o exercício de duvidar, tão necessário a todas as gerações. Não por paranoia, mas por saber que a dúvida é fonte de novas perguntas e pesquisas.

As perguntas poderiam se multiplicar. Como os cursos de formação de professores estão preparando os futuros professores a avaliarem os Livros Didáticos, a melhor usarem este recurso? Sim, a melhor usarem, pois não creio que haja discordância quanto à uti-

lidade – eu diria mais, quanto à qualidade – dos Livros Didáticos ofertados por distintas editoras. Não vou adentrar aqui numa questão que extrapola o objetivo deste livro, mas interessa-nos, formadores de professores: o quanto a precarização das condições de trabalho, sobretudo das escolas públicas, tem assujeitado o professor, fazendo-o quase dependente-seguidor do Livro Didático para, minimamente, dar conta das suas inúmeras turmas e trabalhos?

Oliveira e Giordani são outra dupla a querer tirar nosso sono. Mostram-nos que o tema da diversidade (de gênero, raça, etária, regional) é central nas avaliações dos livros. Ótimo. Mas, ao mesmo tempo, os livros mecanizam estas discussões de forma acrítica, pois apenas buscam diferenciar os grupos, e não integrá-los na diversidade da cultura brasileira. Uau! Ou seja, não basta ‘estar’ no livro as temáticas ‘quentes’, atuais. Há que se avançar no trato destas questões, afinal, os diferentes não estão num zoológico de curiosidades. É preciso lidar com este tema com profundidade, e não apenas uma curiosidade/modismo a mais na prateleira da Geografia.

Valeria destacar ainda a ideia do multiletramento na formação dos professores para as diferentes linguagens e recursos que a Geografia oferece.

Formação cidadã! Cada coleção e cada professor terá sua maneira de alcançar esta necessária miragem. Mas que fique claro, a resposta para alcançar a dita ‘formação cidadã’ não se encontra no livro de Geografia. É uma busca que vai exigir de nós, professores, respostas que ultrapassem a ciência geográfica. Requer buscas – já que as respostas são múltiplas – em nossos referenciais éticos e estéticos, ou seja, em nossas crenças políticas e filosóficas. Não há como docenciar sem expor nossas visões de mundo. Inescapável fugir do aparentemente metafísico: questões do que seja o belo, o justo, o bem etc. fazem parte da Geografia tanto como os globos e mapas.

Por isso, e na ilusão de fugir da garrafa que me contém nos estreitos vastos limites da Geografia, valho-me de Andrade (1973):

O homem, as viagens

O homem, bicho da Terra tão pequeno / chateia-se na Terra/lugar de muita miséria e pouca diversão,
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo/toca para a Lua/desce cauteloso na Lua/pisa na Lua/planta bandeirola na Lua/experimenta a Lua/coloniza a Lua/civiliza a Lua/humaniza a lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra/ O homem chateia-se na Lua. Vamos para Marte – ordena a suas máquinas. / Elas obedecem, o homem desce em Marte/ Pisa em Marte/experimenta/coloniza/civiliza/humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado. / Vamos a outra parte? / Claro – diz o engenho sofisticado e dócil. / Vamos a Vênus. / O homem põe o pé em Vênus, vê o visto – é isto? / idem / idem / idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter /proclamar justiça junto com injustiça / repetir a fossa/ repetir o inquieto / repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias. / O espaço todo vira Terra-a-terra. / O homem chega ao Sol ou dá uma volta /só para te ver? / Não vê que ele inventa / roupa insidervel de viver no Sol. / Põe o pé e: mas que chato é o Sol, falso touro espanhol domado.

Restam outros sistemas fora do solar a colonizar. / Ao acabarem todos só resta ao homem (estará equipado?) / a difícilissima dangerousíssima viagem de si a si mesmo: / pôr o pé no chão do seu coração / experimentar / colonizar / civilizar / humanizar o homem / descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas a perene, insuspeitada alegria de conviver.

Com nossa razão expandimos nossos conhecimentos. Sabemos muita Geografia. Conhecemos cada vez mais os espaços, inclusive além do nosso planeta. Mas este saber parece ‘quadrado’, pouco nos

ajuda a sermos mais felizes. Mais do que conhecimento, a escola, as aulas – e porque não, os Livros Didáticos de Geografia – precisam ajudar a capacitar nossos alunos a (re)aprenderem o sabor da vida. Sabor que exige labor: estudo, ouvir e dialogar atenta e curiosamente com os alunos. Docenciar com o tripé: perguntação, imaginação e beleza.

O Livro Didático – e o volume que você tem nas mãos – pode, com certeza, empoderar alunos e professores. Na falta de criatividade, resta-me repetir e homenagear Carlos. Mais do que convidar você a ler este livro, convoco-lhe a vir comigo na

difícilima dangerousíssima viagem de si a si mesmo: pôr o pé no chão do seu coração / experimentar / colonizar / civilizar / humanizar o homem / descobrindo em suas próprias inexploradas entranhas a perene, insuspeitada alegria de conviver.

Vamos, com e como os autores, humanizar a Geografia!

21

Porto dos meus amores Alegre, 10 de agosto de 2017

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

BORGES, Jorge Luis. *O fazedor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CALLAI, Helena C. O livro didático permite e oportuniza a democratização do conhecimento? In: SPÓSITO, Eliseu S. et al. (Orgs.) *A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação*. Rio de Janeiro: Consequência, 2016.

FERRY, Luc. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetivo, 2012.

KAERCHER, Nestor André. *Se a Geografia escolar é um pastel de vento o Gato come a Geografia Crítica*. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

REGO, Nelson et al. (Orgs.). *Geografia – Práticas pedagógicas para o Ensino Médio*, Volume II. Porto Alegre: Penso, 2011.